



Radiojornalismo e convergência tecnológica: uma proposta de classificação¹

Debora Cristina LOPEZ²

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA /
Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS

RESUMO

O presente artigo trata de uma das cinco perspectivas de estudos sobre a convergência para observar as mudanças no fazer radiojornalístico no que diz respeito aos aspectos tecnológicos. Parte de uma pesquisa doutoral, ele discute as mudanças do veículo neste novo ambiente e caminhos possíveis para a sua reconfiguração e, por conseguinte, as mudanças na atividade do jornalista. Além disso, apresenta uma proposição de classificação da convergência tecnológica no radiojornalismo, mostrando como os três níveis propostos agem no fazer jornalístico neste meio de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: radiojornalismo, convergência tecnológica, tecnologias da informação e da comunicação.

Este artigo pretende compreender o que se define hoje por convergência tecnológica e como esse processo afeta o fazer jornalístico em emissoras de rádio. Trata-se de uma proposição que integra a tese doutoral “Convergência multimidiática e radiojornalismo: uma reflexão sobre a influência da tecnologia da informação e da comunicação no jornalismo de rádio all news brasileiro”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia.

A proposta central é apresentar o processo de inserção das tecnologias da informação e da comunicação nas rotinas do radiojornalismo brasileiro e do conceito de convergência para, a partir deles, propor uma classificação de convergência tecnológica aplicada ao jornalismo de rádio. A pesquisa doutoral adotou a metodologia da observação simples e das entrevistas face-a-face, além da análise de produto sonoro e online para a compreensão deste processo de convergência e, principalmente, de sua relação com o jornalismo das emissoras em estudo: BandNews FM e Central Brasileira de Notícias (CBN).

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela FACOM/UFBA. Professora do curso de Jornalismo da UFSM – campus Frederico Westphalen, email: deboralopezfreire@gmail.com. Orientador: Prof. Dr. Othon Jambeiro.



Para desenvolver este estudo, buscamos compreender a trajetória histórica e tecnológica dos meios de comunicação, apontando, de uma maneira mais ampla e, em certa medida, superficial, o papel da tecnologia no desenvolvimento e na configuração do jornalismo brasileiro. Esta abordagem histórico-tecnológica é desenvolvida de maneira mais detalhada quando se refere ao jornalismo radiofônico e às mudanças nos fazeres, rotinas e objetivos do veículo.

A idéia é compor uma abordagem crítica sobre a produção radiojornalística e o papel que a tecnologia assume neste processo mutante e complexo, buscando observar como contribuem para a evolução do meio de comunicação. “Los retos tecnológicos nunca han sido obstáculo para el desarrollo de la radiodifusión, sino, por el contrario, palancas de crecimiento y diversificación de modos de producir la programación y los contenidos” (MARTÍNEZ-COSTA; DÍEZ UNZUETA, 2005, p. 25), tornando o rádio mais dinâmico e abrangente.

TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E ROTINAS PRODUTIVAS

O jornalismo foi inaugurado no rádio brasileiro por Edgar Roquette-Pinto, na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Naquela época, as tecnologias eram outras. Não se realizavam reportagens de campo, grandes transmissões ou radiojornais com a participação ao vivo de repórteres espalhados pelo país. Tratava-se das transmissões de de Roquette-Pinto, um jornal marcado e os comentários sobre as principais notícias do dia. O jornal falado, que surgiu em 1925 no Brasil, deteve-se neste formato.

Com o desenrolar dos anos, novas tecnologias surgiram e desafiaram os jornalistas de rádio a construírem novas rotinas. O transistor, por exemplo, ao gerar uma relação diferente entre o público e o meio de comunicação, demandou mudanças estruturais para o jornalismo. O desenvolvimento da tecnologia do transistor permitiu a mudança da fonte de alimentação de aparelhos de rádio, propiciando a portabilidade tanto para o ouvinte, que agora tinha no veículo um companheiro que o acompanhava em seu dia-a-dia (FERRARETTO, 2001), quanto para o comunicador, que agora tinha a possibilidade de se deslocar com equipes móveis e implementar o sistema de reportagens (NEUREMBERG, 2009).

O rádio, neste período, passa a intensificar o jornalismo e seu potencial de serviços e utilidade pública. A principal diferença, segundo Ortriwano (1985), é a aceleração da produção e a presença dos jornalistas no palco dos acontecimentos, transmitindo relatos da rua e fazendo entrevistas ao vivo. Altera-se, assim, a dinâmica



de construção da notícia no rádio brasileiro. Já no final da década de 40, surgem as primeiras iniciativas de reportagens de rua, utilizando equipamentos de grande porte e de difícil mobilidade, que mantinham os repórteres ao lado de um telefone fixo, restringindo seu campo de ação.

As chamadas Unidades Móveis permitiam uma mobilidade maior para o repórter, embora pudessem ser utilizadas somente em transmissões de curta duração, já que utilizavam como fonte de energia a bateria do carro (PARRON, 2002-2003). Entretanto, para a produção de conteúdo editado, os jornalistas contavam com o gravador magnético, que lhes dava liberdade para se movimentar no palco dos acontecimentos. Ortriwano (2002-2003) acredita que estas tecnologias foram cruciais para o renascimento do rádio e para que ele se tornasse um veículo ágil e dinâmico.

Embora o telefone fixo, devido a sua agilidade, tenha se tornado uma ferramenta fundamental para o jornalismo de rádio, ele restringia o jornalista, que ficava “preso” ao alcance do aparelho. Com o surgimento dos celulares, criou-se uma liberdade maior de ação para o comunicador, intensificando as transmissões ao vivo. Hoje em dia, além da qualidade de áudio muitas vezes superior à do telefone fixo, o celular permite ainda que o jornalista desenvolva uma cobertura multimídia dos acontecimentos (SILVA, 2008). O aparelho celular, inicialmente presente somente na apuração no radiojornalismo (ZUCHI, 2004), hoje expande suas potencialidades e demanda uma revisão de formatos e propostas para o jornalista de uma emissora de rádio que pode contar, também, com a atualização de informações e interação desenvolvidas a partir desta plataforma.

A partir do desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação, os processos de construção da notícia no rádio se complexificam. Trata-se do que Faus Belau (2001) identifica como o contexto mutante do rádio, que traz para o debate o “algo a mais”, as conseqüências da tecnologia para a reflexão sobre o jornalismo, para suas rotinas e para suas técnicas.

Sin embargo, el momento radiofónico actual es complejo como pocos en la historia del medio y requiere una abnegada e ingeniosa atención. Y si la circunstancia merece esmero, reflexión y vigilancia es porque la situación es mucho más peligrosa que la generada por la llegada de la televisión. Posiblemente este sea el conflicto más complejo de los vividos por la radio hasta el momento porque afecta a su propia raíz. (FAUS BELAU, 2001, p. 16)

Trata-se, como lembra o autor, de um contexto de mudanças que afetam o rádio a curto e médio prazo, e que envolvem âmbitos tecnológicos, sociais e econômicos.



Decisões políticas e econômicas, evolução tecnológica e sua inserção na rotina da sociedade e, conseqüentemente, no dia-a-dia dos meios de comunicação definem a constituição deste ambiente em que se insere o rádio. Os meios de comunicação, a cada dia mais, precisam se inserir em um contexto de convergência, adotem-na ou não. As mudanças geradas por este contexto refletem-se, como destaca o pesquisador, nos conteúdos, formas e modos do rádio, isto é, na própria construção da narrativa radiofônica, mudando a configuração do papel dos meios de comunicação na sociedade contemporânea. “En el pasado, las reglas del juego estaban claras: a la prensa correspondía la interpretación, a la radio la inmediatez y a la televisión el entretenimiento” (SALAVERRÍA; NEGREDO, 2008, p. 21). Hoje esta realidade está sendo revista. O rádio reassume parte de seu papel, o *talk radio*, mas não como se via antes. Ele passa a ser mais valorizado pela análise dos fatos. Ele informa, sim, mas esta informação vem sempre acompanhada de uma releitura dos fatos, pela contextualização e análise, como defende Cebrian Herreros (2001).

A potencialização do uso das tecnologias da informação e da comunicação e este novo cenário configurado para os meios de comunicação fazem com que o rádio contemporâneo se encontre em um marco, que determinará mais uma vez uma mudança em sua concepção e em suas rotinas – na produção radiofônica de maneira geral e, de maneira mais pontual, no radiojornalismo.

Como en otras etapas de la historia de la radio, el cambio actual tiene un origen tecnológico inmediato. Es la tecnología digital que afecta a los procesos de producción (con más calidad); a los procesos de transmisión (con una utilización más eficaz del espectro, con una señal más resistente a interferencias y que potencialmente puede utilizar distintos soportes); y a los sistemas de recepción de los programas de radio (con mejores coberturas y condiciones técnicas de recepción). (MARTÍNEZ-COSTA, 2001, p. 57)

Esta tecnologia que afeta a produção, transmissão e consumo de conteúdo radiofônico leva os jornalistas a uma nova condição: repensar e rediscutir o radiojornalismo, seus fazeres e sua linguagem. São processos que não podem ser considerados de maneira isolada, e que prescindem desta relação por se afetarem mutuamente. É tempo de pensar o radiojornalismo para além de sua concepção tradicional, considerando as especificidades de suporte que criam uma nova estrutura narrativa para o rádio. “La radio pasa de ser un unimedia en el que sólo contaba con el sonido para ser de ahora en adelante multimedia, un universo de síntesis” (MARTÍNEZ-COSTA, 2001, p. 60).



Martínez-Costa acredita que a tecnologia digital faz com que meios de comunicação variados, como rádio, televisão e jornalismo impresso utilizem as mesmas tecnologias e os mesmos suportes para a informação, mas ressalta que ainda se mantêm distintos em sua linguagem, público e trabalho. “La radio vive con otros servicios de audio, texto e imágenes y forma parte de una cadena integrada de servicios de información, entretenimiento y educación” (MARTÍNEZ-COSTA, 2001, p. 60). O jornalista da rádio CBN Heródoto Barbeiro (2009) ressalta, no entanto, que mesmo com a inclusão da narrativa multimídia e com a entrada na internet como suporte para a informação, o rádio não deixou de ser rádio. Isso porque sua principal estratégia informativa ainda se baseia em áudio e, o mais importante, em um áudio independente, que tem plena eficácia comunicacional, mesmo se desvinculado das imagens – estáticas e em movimento – e do texto escrito que o acompanham no portal de uma emissora, por exemplo.

Este processo de convergência se mostra também através da fusão dos terminais de recepção de informação. A internet, por exemplo, configura-se como um espaço de distribuição de conteúdo radiojornalístico, telejornalístico, de empresas de mídia impressa e de jornalismo online. “La tecnología digital está produciendo la convergencia de las terminales de recepción: los aparatos son portátiles y multipropósito con una tecnología flexible y transparente, capaz de incorporar nuevos cambios y de fácil manejo” (MARTÍNEZ-COSTA, 2001, p. 61). É assim com os telefones celulares. Hoje, através da utilização de tecnologias como a 3G é possível assistir programas de TV, ouvir programas de rádio, navegar na internet, utilizar programas de mensagens instantâneas e interagir através de ferramentas de microblogging. Tudo pelo aparelho celular. As interfaces disponíveis estão a cada dia mais acessíveis e intuitivas, permitindo que o público se integre de maneira intensa no processo de produção da informação. Como ressalta Carmen Peñafiel (2001), a cada dia mais as emissoras de rádio buscam articular os sistemas tradicionais com os processos e possibilidades gerados pelas novas tecnologias, com o objetivo de facilitar o processo de apuração.

El sistema informático en las redacciones radiofónicas ha facilitado un acceso más rápido y más fácil, no sólo a las fuentes de información a través de la consulta de ficheros ya grabados o que vamos grabando en el disco duro, sino también, una sencilla e inminente comprobación de la información que obtenemos (PEÑAFIEL, 2001, p. 67).

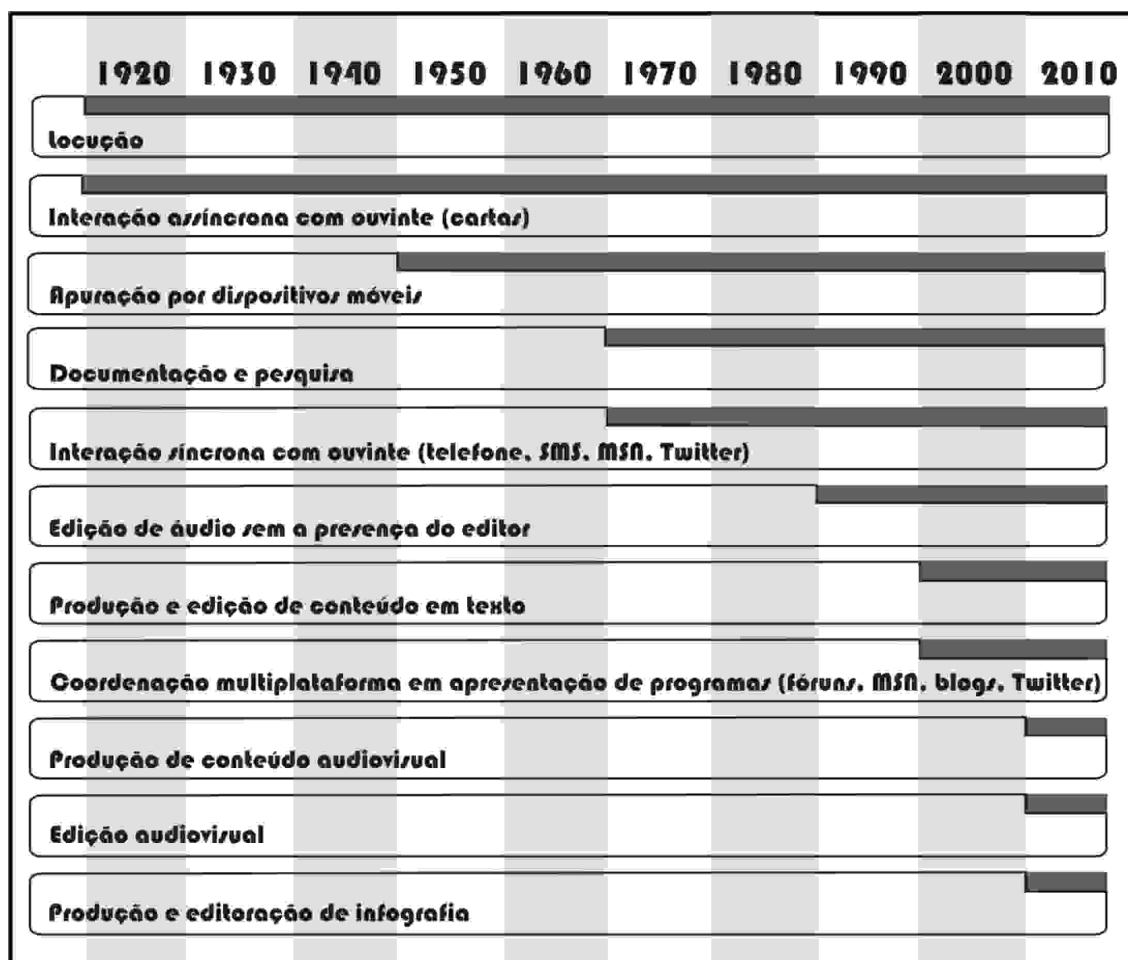


A diretora executiva de jornalismo da Rádio CBN, Mariza Tavares (2009), acredita que a evolução do radiojornalismo a partir do desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação é um processo normal e esperado. Para ela, o jornalismo de rádio precisa acompanhar as tendências e a evolução das tecnologias sem, no entanto, deixar de se ver como jornalismo. Tavares lembra que ainda é desejável e necessário que o jornalista seja curioso, criterioso e desenvolva seu trabalho com responsabilidade. Para isso, ele deve sim estar atualizado – informativa e tecnologicamente – mas não deve se tornar escravo da tecnologia. A jornalista destaca que a produção multiplataforma é uma realidade que começa a se apresentar nas redações de emissoras de rádio em ambiente de convergência, mas que é preciso que essa ampliação das tarefas do jornalista seja realizada com cuidado, para que a preocupação com a tecnologia e com as atividades a serem desenvolvidas não façam com que o comunicador deixe de lado seu verdadeiro papel: informar.

Para desenvolver suas atividades na redação, o jornalista de rádio de uma emissora contemporânea atua em um ambiente multitarefa, onde tem à sua disposição tecnologias de apuração, edição e transmissão de conteúdo que objetivam agilizar e otimizar o processo de construção da notícia. Carmen Peñafiel (2001) lembra que os processos estão se automatizando, desde a preparação das pautas, com a pesquisa via internet e em bancos de dados e áudios digitais, até o uso de sistemas que integram em tempo real a produção de texto pelo redator e a locução no estúdio da emissora, permitindo maior agilidade na transmissão da informação. A autora ressalta também a importância das “[...] conexiones directas a larga distancia, organización de las colaboraciones con otros departamentos, bien sea entre personas afines o bien entre profesionales de otras empresas de radiodifusión” (PEÑAFIEL, 2001, p. 68) para este processo.

Desta forma, novas atividades surgem para o jornalista de rádio. Como explica Tavares (2009) isso demanda novos profissionais e funções, e não simplesmente o acúmulo de atividades no chamado profissional multitarefa. Agora, para trabalhar em rádio, o comunicador precisa trabalhar com ferramentas que vão além do áudio, além de, atualmente, já ser responsável por mais de uma etapa do processo de apuração, produção e veiculação da notícia. Esta mudança, embora seja facilmente observada na realidade atual, não é nova. Os jornalistas radiofônicos adaptam suas funções e atividades à evolução das tecnologias desde o surgimento do veículo, na década de 20 (Figura 01).

Figura 01: Evolução das funções no jornalismo de rádio brasileiro



Fonte: Autoria própria, adaptada de Salaverría e Negrodo (2008)

Nas primeiras décadas do rádio no Brasil, até os anos 1950, do profissional de rádio era exigido o domínio de duas técnicas: a) a locução clara, com voz firme e “respeitável” de um noticiário ou na realização de um comentário e 2) a habilidade de encantar e interagir com o ouvinte – ainda de maneira assíncrona, através das cartas enviadas pelo público em geral. Com a organização dos departamentos de jornalismo nas emissoras, a organização do fluxo informacional também começou a se alterar. Na coleta de informações, o jornalista precisava agora trabalhar com as tecnologias móveis de apuração: unidades móveis que funcionavam com a bateria do carro, telefones fixos, gravadores de fita rolo, gravadores de fita K7, MD’s, telefones celulares e gravadores digitais permitiam que o repórter trouxesse para o ouvinte a informação diretamente do palco dos acontecimentos. Com o passar das décadas e com a evolução destas tecnologias problemas como a falta de qualidade do som transmitido e a reduzida



mobilidade do repórter devido a cabos e conexões telefônicas foram minimizados, permitindo, hoje, a presença e comunicabilidade do repórter em quase todos os espaços que precise estar para realizar uma cobertura.

Na década de 1970 duas mudanças se apresentaram fundamentais para a construção da notícia no rádio: o jornalista passava a ser responsável pela sua própria pesquisa e documentação, e o ouvinte passava a integrar de maneira mais intensa a programação das emissoras através da interação síncrona. Essa potencialização da presença do ouvinte se deu devido à popularização do telefone e permitiu uma reaproximação do rádio com seu público. Atualmente, além da interação telefônica, os comunicadores têm outras pontes de contato com os ouvintes, como serviços de mensagem instantâneas, mensagens via telefone celular, fóruns, chats, twitter, etc.

Durante os anos 1990 surgiu uma tendência que hoje predomina nas redações: o jornalista de rádio é responsável pela edição do áudio de suas reportagens. Com isso, o profissional precisa agora, além de acumular as habilidades técnicas e inserir esta atividade em sua carga horária de trabalho diária, pensar as estratégias narrativas que irá adotar ao compor sua peça sonora. A cada dia esta tendência se consolida, aliada, com a entrada das emissoras de rádio na internet, à produção de conteúdo em texto para complementar e/ou apresentar as informações que compõem o áudio. Inicia-se com este processo a exigência por um jornalista multimídia para a produção radiofônica, que pense as especificidades do rádio, mas que compreenda o novo ambiente em que este veículo se insere e a necessidade que ele tem de se apresentar como multiplataforma e hipermidiático. Assim, esse jornalista passa, na década de 2000, a coordenar ações multiplataforma durante a apresentação de um programa, integrando aquela sua função inicial, da década de 1920, com uma das principais ferramentas do rádio: e surge o comunicador que, enquanto apresenta o programa, pesquisa informações na internet, conversa com sua equipe por telefone e interage com o público via ferramentas digitais, como apresentaram Ribeiro e Meditsch (2006).

A tendência, para o futuro do rádio em sua configuração hipermidiática, é que ele passe a congrega produções audiovisuais, fotográficas, infográficas e de texto, buscando a complementação e ampliação do conteúdo sonoro. Com isso, novas habilidades serão demandadas do profissional deste meio de comunicação e novas funções serão criadas para esse jornalista do rádio em ambiente de convergência.



CONVERGÊNCIA: APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS

A convergência está presente no cotidiano de todos. Hoje é impossível não conviver com ela e com suas conseqüências. Para Jenkins (2006) trata-se de uma transformação cultural. Ele acredita que neste ambiente o consumo de informações através de múltiplos dispositivos se intensifica. O rádio, por exemplo, começou a se inserir neste processo de convergência tecnológica na década de 1990, com o uso do telefone celular como estratégia de apuração e com a incorporação da internet nas redações (FERRARETTO, 2007). Mas o que é convergência?

La convergencia periodística es un proceso multidimensional que, facilitado por la implantación generalizada de las tecnologías digitales de telecomunicación, afecta al ámbito tecnológico, empresarial, profesional y editorial de los medios de comunicación, propiciando una integración de herramientas, espacios, métodos de trabajo y lenguajes anteriormente disgregados, de forma que las periodistas elaboran contenidos que se distribuyen a través de múltiples plataformas, mediante los lenguajes propios de cada una (SALAVERRÍA; NEGREDO, 2008, p. 45).

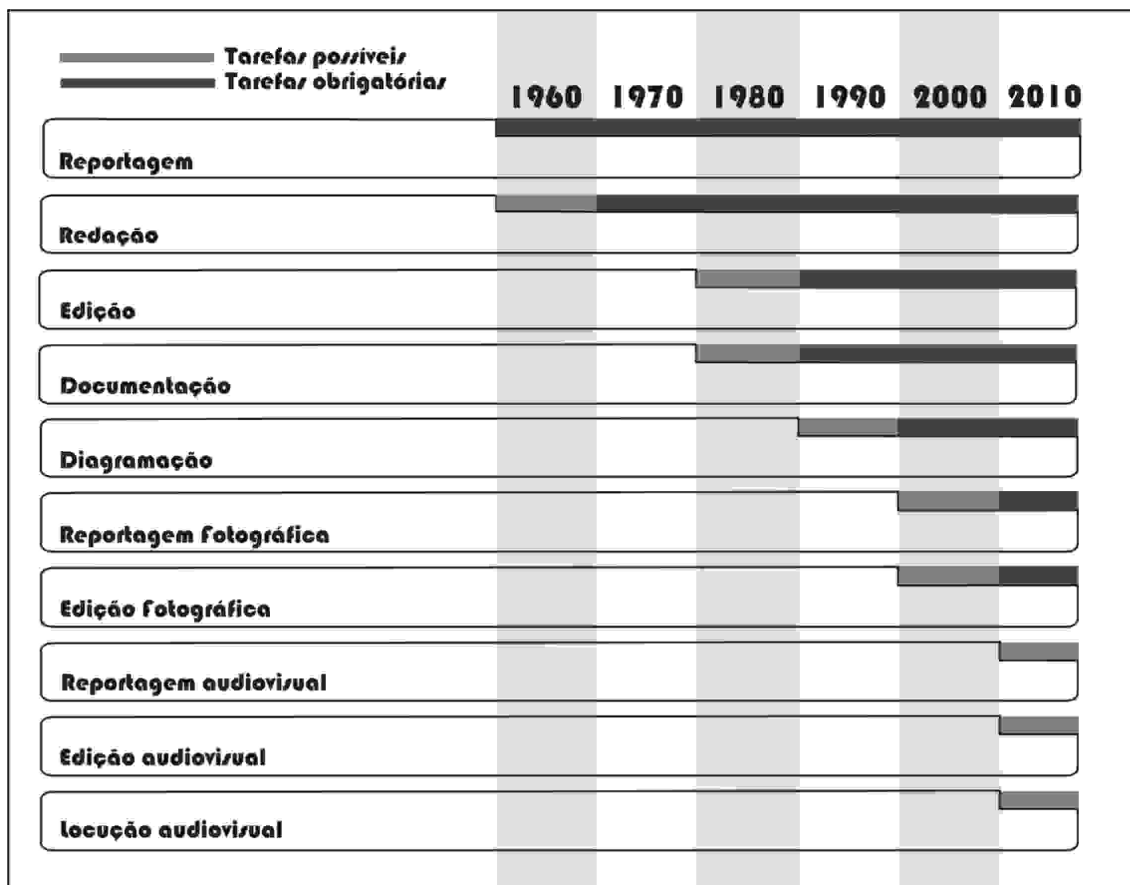
Sendo assim, a convergência é um processo que, segundo os autores leva, em seu final, à integração de redações. Mas como um processo ela não é estanque nem padronizada. Isso significa que diferentes meios de comunicação tomam distintos caminhos ao optarem por ele. Se a convergência pode ser classificada a partir dos níveis tecnológico, empresarial, profissional e de conteúdo, verifica-se que estes níveis não se excluem, mas se complementam na construção deste processo e na consolidação da identidade dos meios neste ambiente. Pretende-se, neste estudo, centralizar esforços na compreensão da convergência tecnológica no rádio. Entretanto, compreende-se que ela não se estabelece sozinha e em si e, por isso, busca-se uma aproximação breve com os demais níveis, apontando para sua relação com a convergência tecnológica e o jornalismo. “La clave del proceso de convergencia multimedios consiste, sobre todo, en organizar la redacción en función de los contenidos y no definirla sólo por sus productos o por las tecnologías que emplea” (PIQUÉ In: SALAVERRÍA; NEGREDO, 2008, p. 07).

Ao discutir a convergência de conteúdo é importante compreender que não se trata simplesmente do compartilhamento de informações nas redações, objetivando cortes de custo e utilização de conteúdo de outras empresas jornalísticas, agências e ferramentas de apuração de dentro da redação. Em um processo de convergência de conteúdo e tecnológica, é fundamental compreender que ambas devem atuar em

conjunto, para que possibilitem ao jornalista o cumprimento de seu papel e de sua responsabilidade perante a sociedade, caminhando por uma via de mão dupla, em que se auxiliam e levam a uma maior diversidade informativa e facilitação no processo de verificação da informação. “Según el informe anual de Media General para 2002, “la convergencia aúna la profundidad de la cobertura de un periódico, la inmediatez de la televisión y la interactividad de internet”.” (SALAVERRÍA; NEGREDO, 2008, p. 34).

Devido a essas características Corrêa (2007) observa que o foco atual da convergência diz respeito às redações e à produção de conteúdo. Apontando para o mesmo caminho e reiterando o caráter processual e complementar dos níveis de convergência, Salaverría e Negredo (2008) lembram a evolução das tarefas exercidas por jornalistas em impresso (Figura 02).

Figura 02: Evolução das tarefas realizadas por jornalistas de impresso



Fonte: SALAVERRÍA; NEGREDO, 2008, p. 48

Os autores apontam, através deste levantamento das habilidades exigidas dos jornalistas em mídia impressa, as exigências e potencialidades do fazer jornalístico, geradas pela evolução das tecnologias da informação e da comunicação. O jornalista de



impresso, segundo eles, precisa também ser um profissional multiplataforma. O jornalista, atualmente, convive com tecnologias móveis e ferramentas de conexão remota, georeferenciamento, digitalização de informações e potencialização de interatividade, entre outras. Esse novo perfil do profissional de comunicação se deve à reconstrução do espaço e das rotinas profissionais do jornalista propiciadas pela convergência em seus diversos níveis. Esta evolução segue, em seu propósito, a mesma dinâmica da Figura 01, que aponta a evolução das habilidades e competências do jornalista de rádio desde a década de 1920 até as perspectivas de produção no rádio hipermidiático. “No caso do rádio, por intermédio da internet, pode estar presente em tecnologias como a telefonia celular ou palm tops, através de tecnologias WI-FI e GPRS e possibilitar uma programação em escala planetária” (CUNHA, 2005-2006, p. 02).

NÍVEIS DE CONVERGÊNCIA TECNOLÓGICA NO RÁDIO

Como dito anteriormente, a convergência é um processo multidimensional. Isto é, abrange as tecnologias da informação e da comunicação em mais de uma perspectiva, contemplando produção, transmissão e consumo da informação, “[...] con la organización interna de la empresa, con el perfil de los periodistas, y, por supuesto, con los propios contenidos que se comunican” (SALAVERRÍA; NEGREDO, 2008, p. 16). As mudanças geradas por este processo se apresentam em distintos meios de comunicação e têm se tornado a cada dia mais latentes na produção radiojornalística. A diretora executiva de jornalismo da Rádio CBN, Mariza Tavares (2009) aponta a construção de conteúdos diferenciados como uma das principais mudanças geradas pelo novo contexto do jornalismo em ambiente de convergência.

Partindo deste pressuposto, e buscando aplicar as proposições teóricas de convergência ao jornalismo radiofônico, apresenta-se uma classificação acerca dos níveis de convergência tecnológica neste meio de comunicação. A proposta é realizar uma tentativa de organização de um conceito que vai além da mera discussão estrutural, mas visa discutir seus propósitos e os reflexos que se apresentam no processo produtivo do jornalismo em rádio. Pretende-se discutir as alterações sofridas pelos meios de comunicação neste contexto.

En la génesis de todo este cambio está la profunda transformación sufrida por los distintos medios de comunicación a raíz de la digitalización apresurada de los procesos de elaboración, emisión, producción, transmisión, difusión y



recepción de todo tipo de información, bien sea ésta audio, imágenes, datos o gráficos. (LÓPEZ VIDALES, 2001, p. 71)

É preciso compreender o rádio como um meio de comunicação mais amplo, integrado ao processo de construção mais complexa da informação, potencializando o uso das tecnologias da informação e da comunicação. Entre as ferramentas disponíveis, a Internet é uma das mais presentes nas redações de rádio. Stamillo (2009) lembra que o jornalista de rádio precisa pensar a internet como um espaço de fala, que oferece novas estratégias de linguagens e potencialidades, que devem ser exploradas. “Internet no constituye una competencia directa para la radio, sino que más bien es un nuevo soporte que facilita la integración digital de la radio y la oferta de nuevos servicios que el medio no podía ofrecer antes.” (GARCÍA GONZÁLEZ, 2001, p. 87)

Essa demanda por uma nova estrutura narrativa, multimidiática e multiplataforma, que busca a complementação e a ampliação do conteúdo, demanda do jornalista uma reformulação em suas rotinas e o investimento em novas habilidades e competências. O rádio onde este jornalista irá atuar também é novo. Trata-se do rádio hipermidiático, que fala em diversas linguagens, em distintos suportes e, ainda assim, mantém no áudio seu foco. Embora a produção do rádio através de múltiplas plataformas e linguagens seja crucial para o jornalista, para a emissora para atrair uma nova parcela do público, o rádio em si precisa se manter como tal. O áudio precisa ser independente e, ao mesmo tempo, complementar. Nem todo ouvinte pode – ou quer – buscar um aprofundamento, uma multiplicidade de linguagens – seja através do rádio digital ou do suporte web da emissora. Este áudio é a ferramenta narrativa essencial do rádio digital e deve ser independente das demais estratégias e plataformas nas quais ele se apresenta. Isso porque a característica multiplataforma e hipermidiática, como dito, deve agir como complementar – embora importante – mas não como imprescindível. O ouvinte ainda é ouvinte. Ele ainda consome rádio no carro, por exemplo, e pode demandar a informação exclusivamente via áudio e, caso queira e possa, buscará a ampliação via dispositivos móveis.

Está claro que Internet establece una forma de radiodifusión distinta de la conocida. Para la audiencia es una nueva forma de consumir la misma radio, ofreciendo posibilidad de acceder a bancos de datos de programas y diseñar la propia oferta radiofónica a la hora y en lugar que el usuario decida, transformándose en una oferta de radio a la carta (GARCÍA GONZÁLEZ, 2001, p. 89).



Mas as transformações do rádio não são geradas somente pela internet. O rádio digital, de tecnologia ainda não definida no Brasil, trará mudanças para o veículo. Nelia Del Bianco (2006, p. 13) lembra que será realizada a “transmissão simultânea de dados para receptores de rádio com tela de cristal líquido, desde informações de trânsito, tempo, compras e prestação de serviços”. Essa transmissão pode ocorrer através de áudio, vídeo, fotos, bancos de dados, gráficos ou ferramentas interativas.

A evolução tecnológica do rádio, como apresentado neste trabalho, leva à reconstrução das rotinas do jornalismo. São novas dinâmicas de produção e transmissão que apresentam uma relação entre a tecnologia tradicional da radiodifusão e a informatização dos processos radiofônicos. Propõe-se, então, com o objetivo de sistematizar os estudos sobre a evolução das tecnologias da informação e da comunicação e o cotidiano do jornalismo de rádio, uma classificação dos níveis de convergência tecnológica neste meio de comunicação, a saber: Convergência de primeiro, segundo e terceiro níveis.

O primeiro nível diz respeito ao período de informatização das redações, que teve conseqüências importantes para o jornalismo, permitindo a edição digital de sons e textos e agilizando o processo de construção da informação na emissora. Já o segundo nível engloba a tecnologização de diversas etapas do processo. Trata-se do momento em que se estabelece um diálogo entre as ferramentas de apuração, produção e transmissão de informações, sem, no entanto, afetar diretamente a estrutura narrativa e a composição do produto. Neste nível, a diferença para o produto final diz respeito à velocidade com que a informação é composta e transmitida e a qualidade do som.

Já na convergência de terceiro nível, a tecnologização e a inserção das tecnologias da informação da comunicação no processo de construção e transmissão da notícia afeta a configuração do veículo, suas definições tradicionais e suas estratégias de linguagem. É o momento em que se configura a produção multimídia, com repórteres multiplataforma produzindo conteúdo em áudio, vídeo, texto, fotografia e infografia para a emissora. Assim, no radiojornalismo é possível considerar convergência de terceiro nível a produção multimídia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposição dos níveis de convergência tecnológica no rádio, como dito, tem por propósito auxiliar a compreensão da nova formatação do meio de comunicação. Compreender quando e como as tecnologias da comunicação e da informação foram



inseridas no rádio e de que maneira elas contribuíram para a configuração das características do veículo representa o primeiro passo para discussões futuras sobre o rádio em ambiente de convergência e sobre o perfil do comunicador presente nele.

Estudar as relações entre tecnologia e jornalismo radiofônico permite observar, sob uma perspectiva pontual, a nova metamorfose pela qual ele passa e o que isso representa para a produção jornalística. O rádio não está à margem dos acontecimentos, não está sendo deixado para trás pela evolução tecnológica e pela velocidade da sociedade contemporânea. Ao contrário, apresenta-se hoje como um meio de comunicação fundamental, por aliar suas características iniciais – de mobilidade e factualidade – com as geradas pelas inovações tecnológicas, como a narrativa multimídia e a produção e transmissão multiplataforma. Trata-se, sim, de um novo rádio, com novas estratégias narrativas, com novas possibilidades e potencialidades. Mas trata-se, antes de tudo, de rádio.

REFERÊNCIAS

- BARBEIRO, Heródoto. **Entrevista concedida à autora em 06 de julho de 2009**. São Paulo, 2009.
- CEBRIÁN HERREROS, Mariano. **La radio en la convergencia multimedia**. Barcelona: Gedisa, 2001.
- CORRÊA, Elizabeth Saad. Convergência de mídias: metodologias de pesquisa e delineamento do campo brasileiro. Trabalho apresentado ao **Seminário do Acordo de Cooperação Brasil-Espanha**. FACOM/UFBA - 3 a 7 de dezembro de 2007.
- CUNHA, Mágda. Não é mais possível pensar o rádio como antes. **Razón y Palabra**. Num 48, dez/2005-jan/2006.
- DEL BIANCO, Nelia. As forças do passado moldam o futuro. IN: **Revista da Set** - Sociedade Brasileira de Engenharia de Televisão e Telecomunicações. São Paulo, ano XVII, no 85, abril 2006. pags. 12 a 18.
- FAUS BELAU, Ángel. La radio en el entorno cambiante del siglo XXI. In: MARTINEZ-COSTA, María Del Pilar (coord). **Reinventar La Radio**. Pamplona: Eunate, 2001.
- FERRARETTO, Luiz Arthur. **Rádio: O veículo, a história e a técnica**. 2º ed. Porto Alegre, Sagra Luzzatto, 2001.
- _____. Possibilidades de convergência tecnológica: pistas para a compreensão do rádio e das formas do seu uso no século 21. In: **XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.
- GARCÍA GONZÁLEZ, Aurora; ROMÁN PORTAS, Mercedes. Radio en la red. In: MARTINEZ-COSTA, María Del Pilar (coord). **Reinventar La Radio**. Pamplona: Eunate, 2001.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2006.



- LÓPEZ VIDALES, Nereida. La mejor radio: la futura. In: MARTINEZ-COSTA, María Del Pilar (coord). **Reinventar La Radio**. Pamplona: Eunate, 2001.
- MARTÍNEZ-COSTA, María Del Pilar; DÍEZ UNZUETA, José Ramón. **Lenguaje, géneros y programas de radio**: introducción a la narrativa radiofónica. Pamplona: EUNSA, 2005.
- MARTÍNEZ-COSTA, María Del Pilar. Un nuevo paradigma para la radio. Sobre convergencias y divergencias digitales. In: MARTINEZ-COSTA, María Del Pilar (coord). **Reinventar La Radio**. Pamplona: Eunate, 2001.
- NEUREMBERG, Getúlio. Formatos em Radiojornalismo. Palestra no **Seminário Internacional de Radiojornalismo Público**. Brasília, DF, 18 e 19 de maio de 2009.
- ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A Informação no Rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1985.
- _____. Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história. **Revista USP**. Num 22, dez-fev 2002-2003.
- PARRON, Milton. O Radiorreporter: no *Joelma* eu também chorei. **Revista USP**. Num 22, dez-fev 2002-2003.
- PEÑAFIEL, Carmen. La Informatización en las redacciones de radio: un camino sin retorno. In: MARTINEZ-COSTA, María Del Pilar (coord). **Reinventar La Radio**. Pamplona: Eunate, 2001.
- RIBEIRO, Ângelo Augusto; MEDITSCH, Eduardo. O chat da internet como ferramenta para o radiojornalismo participativo: uma experiência de interatividade com o uso da convergência na CBN-Diário AM de Florianópolis. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 29., 2006, Brasília. Anais...São Paulo: Intercom, 2006. CD-ROM.
- SALAVERRÍA, Ramón; NEGREDO, Samuel. **Periodismo integrado**: convergencia de medios y reorganización de redacciones. Barcelona: Editorial Sol 90, 2008. 188p
- SILVA, Fernando Firmino da . Jornalismo Reconfigurado: tecnologias móveis e conexões sem fio na reportagem de campo. In: **XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM**, 2008, Natal - RN. INTERCOM 2008 - 2 a 6 de setembro, 2008.
- STAMILLO, Leonardo. **Entrevista concedida à autora em 07 de julho de 2009**. São Paulo, 2009.
- TAVARES, Mariza. **Entrevista concedida à autora em 08 de julho de 2009**. São Paulo, 2009.
- ZUCHI, Ivan Luiz. **O Telefone Celular e o Radiojornalismo ao Vivo nas Emissoras AM de Cascavel**. Monografia. Faculdade de Ciências Sociais de Cascavel. Cascavel, 2004.